

O Português na Casa do Mundo, Hoje

Coordenação Henrique Barroso

D(N)ESTE LIVRO

Henrique Barroso

D(N)este livro

Antes de mais nada, devo aqui deixar expresso que este volume constitui um documento-monumento, que me parece também poder valer como símbolo, no dia do seu encerramento oficial (25 de maio de 2018), das comemorações dos 25 anos do Curso Anual de Português Língua Estrangeira (PLE) do BabeliUM – Centro de Línguas do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH), ficando para a história desta subunidade de extensão do ILCH, a unidade orgânica de ensino e de investigação da Universidade do Minho que o alberga e, diria mesmo, de que faz parte integrante ou constituinte.

Por se tratar de duas substâncias distintas, muito embora bastante afins, o presente volume está organizado em duas partes. A Parte I, que leva naturalmente o nome do livro (ou este é que o toma daqui – tanto faz), **O Português na Casa do Mundo, hoje**, é constituído por seis estudos, precedidos de uma introdução: os primeiros correspondem às seis contribuições apresentadas no Colóquio homónimo, que teve lugar na Universidade do Minho, *Campus* de Gualtar, no dia 8 de fevereiro de 2018; a segunda, trata-se de um contributo breve e *sui generis* sobre a mesma temática, da pena do coordenador do projeto, e escrito para aqui. A Parte II, denominada **Das 25 edições do Curso Anual de PLE no ILCH|UMINHO (1993/94-2017/18)**, a jeito de relatório (mas de todo um relatório), é constituída por um estudo, ilustrado e/ou suportado por gráficos, sobre a experiência dos 25 anos do Curso Anual de PLE no ILCH|UMINHO.

Na introdução, *O português na casa do mundo, hoje: portas, janelas e varandas*, recorrendo a três metáforas, concentro (BARROSO) a minha reflexão no que reputo serem as

propriedades deveras distintivas ou, se se preferir, as dimensões verdadeiramente relevantes (é evidente que umas são-no sempre mais que outras) do português na Casa Comum da atualidade. De todas elas, bem como ainda de bastantes outras, se fala, com maior ou menor detalhe (depende do autor e/ou do objetivo do estudo), nos seis trabalhos constituintes de outros tantos capítulos da Parte I, o núcleo por excelência da presente publicação.

São vários os fios condutores desta reflexão, como as seguintes pontas (os termos/conceitos-chave) o deixam nitidamente perceber: *língua materna, língua segunda, língua de herança, língua pluricêntrica, língua global, língua de comunicação internacional, língua de negócios, língua de cultura, artes e ciência.*

No capítulo I, *O português na casa do mundo: terminologias e políticas linguísticas*, CONCEIÇÃO defende que a política linguística para a afirmação da língua portuguesa na sua relação constitutiva com o saber, o conhecimento, a ciência, deve impelir ao estudo das terminologias dos diferentes domínios e esferas de atividade. E continua: independentemente da natureza epistemológica e/ou sociocultural dos domínios e/ou esferas de atividade, a sua estruturação concetual e a verbalização em língua portuguesa daí decorrente promovem a inovação lexical e terminológica e o desenvolvimento da língua ao mesmo tempo que, de um ponto de vista discursivo e comunicativo, afirmam estruturas retóricas e interacionais contextual e culturalmente ancoradas. Por conseguinte, o estudo das terminologias em português, respeitando a pluricentricidade e considerando todos os tipos de variação, afirmará esta língua na casa do mundo.

Terminologia, língua e conhecimento, política linguística e variação são os termos/conceitos-chave d(n)este capítulo.^[1]

1 A solicitação dos **resumos** e **palavras-chave** aos autores tinha em mente o seu uso neste local, porque entendo que só eles o fazem/podem fazer de forma fidedigna. Por conseguinte, os textos são praticamente os mesmos, apenas sem aspas, ortografia oficial e com adaptações decorrentes das necessidades sintático-discursivas.

Inversamente, a dos **abstracts** e **keywords**, essa sim, era/é para os usar como tal e no local habitual (entre o título e o início do texto, onde estão), por forma a que um potencial leitor de outra língua materna pudesse/possa, pelo menos, tomar conhecimento do tema tratado em cada um dos contributos.

Os textos aqui coligidos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

No capítulo II, *O poder das línguas, línguas de poder: potencial conjunto do espanhol e do português*, LABORINHO começa por referir que a relevante posição do português no conjunto das línguas lhe advém de ser língua oficial da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, da comunidade ibero-americana e da União Europeia. Que a sua dimensão internacional não decorre tanto do significativo número de falantes, mas da sua presença em vários continentes e da capacidade de intercompreensão com outras línguas, em particular o espanhol. Que a proximidade entre o espanhol e o português amplifica a dimensão internacional das duas línguas e representa um importante ativo que deve ser usado a favor dos seus falantes. Por conseguinte, neste trabalho, defende estratégias conjuntas entre as duas línguas e olha para a história longa das políticas de língua que sempre existiram.

Os termos/conceitos-chave só podem ser *língua portuguesa, língua espanhola, política de língua e intercompreensão linguística*.

No capítulo III, *Aquisição/aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores*, estamos na presença de um texto, desenvolvido no quadro da Linguística Cognitiva, onde BATORÉO discute a noção de *competência metafórica*, no contexto específico da aquisição e aprendizagem do Português como Língua Não Materna (PLNM). Nele se defende que quem aprende uma língua nova deve fazê-lo de um modo *conceptualmente adequado*, adquirindo *consciência metafórica*, se o objetivo é comunicar com os outros, usando linguagem figurada, tal como acontece no dia a dia entre os falantes nativos. Defende-se, também, que a investigação na área não se pode limitar ao estudo restrito da Linguagem, abrangendo antes a interação entre as componentes do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura. Esta interação implica tanto ancoragem cultural como *incorporação (embodiment)*, isto é, a conceptualização do mundo é feita neste caso – prototipicamente – através do nosso corpo, assim como das experiências corporais e atividades efetuadas pelo Homem, mediadas pela cultura em que esta experiência se enquadra, dando, deste modo, origem

à *incorporação física e cultural*. Como as culturas diferem entre si, as emoções ou os valores são conceptualizados em partes do corpo diferentes para veicular e projetar no processo de mapeamento emoções ou valores análogos. Conhecer e aprender como este processo se desenvolve num idioma diferente da nossa língua materna obriga ao falante não nativo a *reestruturar-se conceptualmente*, e garante um processo mais motivado, tendo como objetivo comunicar de um modo figurado e utilizar linguagem igualmente figurada na língua não nativa. Para ilustrar os fenómenos, BATORÉO utiliza exemplos do Português Europeu, Inglês, Polaco e Chinês.

Competência metafórica, linguagem figurada na expressão de emoções, Linguística Cognitiva, reestruturação conceptual, aquisição/aprendizagem de Português língua não materna (PLNM) são as expressões terminológicas/conceitos-chave que sustentam e sintetizam este estudo.

No capítulo IV, *O Português Língua Não Materna como Área Científica. Um Estudo Empírico de Interferências Linguísticas de Falantes de Português L2 e L3*, OSÓRIO começa por fazer algumas considerações de ordem mais teórica, na tentativa de enquadrar a área científica do “Português Língua Não Materna” (PLNM) no panorama da investigação atual, tanto dos estudos linguísticos, como da didática das línguas e da psicolinguística. De seguida, apresenta um estudo em que é seu objetivo mostrar quais os aspetos do português, como segunda ou terceira língua, que são mais propensos à influência interlinguística em textos narrativos e argumentativos por estudantes de espanhol que aprendem o português, em Portugal, ao nível B2 de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência*, centrando-se principalmente nos processos de aquisição, seguindo a denominação de aquisição de segunda língua proposta por um determinado investigador. Chama, por fim, a atenção para o amplo debate em torno da própria designação de L2 levado a cabo pelos pesquisadores, sem muitas vezes se chegar a uma compreensão sobre se o estatuto do idioma está relacionado com questões de aquisição ou de aprendizagem, ou mesmo de ambas.

L2, L3, interferências, memória declarativa, memória procedimental são, pois, os termos/conceitos-chave d(n)este estudo.

No capítulo V, *O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional*, respondendo às questões ontológica e política sobre o que é o português e o que se quer que seja, SILVA começa por evidenciar a realidade de uma *língua pluricêntrica* e o desejo de uma *língua internacional*, argumentando sobre a necessidade de uma plena *standardização pluricêntrica* da língua portuguesa. De seguida, assinalando a sua natureza marcadamente bicêntrica, entre o português europeu e o português brasileiro, reconhece que esta língua apresenta já outros centros nacionais emergentes, particularmente o português moçambicano e o português angolano, para o que convoca indicadores demográficos e demolínguísticos que permitem projetar uma alteração importante do sistema de normas do português na segunda metade do séc. XXI no sentido de um maior pluricentrismo, com um forte crescimento da população e dos falantes de português sobretudo em Angola e Moçambique e um decréscimo populacional em Portugal e no Brasil. Apresenta, depois, os resultados do seu estudo socioletométrico sobre indicadores lexicais, construcionais e atitudinais do bicentrismo divergente do português europeu e brasileiro nos últimos 70 anos. Discute, ainda, as possibilidades de uma gestão mais internacional do português e da construção de um padrão internacional comum. E, por fim, argumenta a favor de uma codificação pluricêntrica, não apenas da ortografia, mas sobretudo da gramática e dos dicionários de português.

Língua pluricêntrica, língua internacional, standardização, socioletometria, política de língua são os termos/conceitos-chave que suportam e sintetizam o presente estudo.

No capítulo VI, *De todas as línguas se pode ver o mar: o Português e as línguas globais*, TEIXEIRA começa por afirmar que há um conjunto de lugares comuns sobre a língua portuguesa que frequentemente são repetidos sem se fazer ideia do que verdadeiramente significam, dizendo que citações como “minha pátria é a língua portuguesa”, “da minha língua vê-se o mar” são usadas, muitas vezes, fora da contextualização e das intencionalidades com que foram produzidas e, do mesmo modo, afirmações sobre o português enquanto língua global, internacional

e policêntrica/pluricêntrica misturam com bastante frequência factos com idealizações sem fundamentação real, concluindo que estas “meias verdades” podem ser inócuas em contextos livres e poéticos, mas podem tornar-se inconvenientes em cenários de política linguística. Por conseguinte, desmitificar alguns desses lugares comuns e refletir sobre os aspetos que devem ser considerados fundamentais para a dimensão pluricêntrica da língua portuguesa é o que TEIXEIRA procura fazer neste texto.

Do exposto, resulta claro que os termos/conceitos-chave deste contributo são *língua portuguesa*, *línguas internacionais*, *línguas pluricêntricas* e *mitos linguísticos*.

E, para terminar, no único capítulo da Parte II, *Curso Anual de Português Língua Estrangeira (PLE) no ILCH|UMINHO: números e outros dados curiosos*, PATRÍCIO & BARROSO, recordando que a necessidade de aprender uma língua para além da que é partilhada por uma sociedade se tem desde sempre revelado ser essencial, afirmam que, na atualidade, essa necessidade como que refinou, ou seja, é ainda mais premente, devido sobretudo à maior porosidade das fronteiras, que se traduz num mundo cada vez mais plurilingue e pluricultural. Ao analisar a evolução do Curso Anual de Português Língua Estrangeira, que se encontra a celebrar os seus 25 anos de existência, gizou-se o presente estudo, com a finalidade de contribuir para uma compreensão do efeito da aprendizagem do Português na qualidade de língua estrangeira como forma de promoção do diálogo intercultural.

Curso Anual, Português Língua Estrangeira, BabeliUM – Centro de Línguas, Instituto de Letras e Ciências Humanas e Universidade do Minho são as expressões terminológicas/conceitos-chave que sustentam e sintetizam este trabalho.

Henrique Barroso
(Coordenador do projeto)

Universidade do Minho, *Campus* de Gualtar, Braga,
em finais de abril de 2018

Antes de mais nada, devo aqui deixar expresso que este volume constitui um documento-monumento, que me parece também poder valer como símbolo, no dia do seu encerramento oficial (25 de maio de 2018), das comemorações dos 25 anos do Curso Anual de Português Língua Estrangeira (PLE) do BabeliUM – Centro de Línguas do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH), ficando para a história desta subunidade de extensão do ILCH, a unidade orgânica de ensino e de investigação da Universidade do Minho que o alberga e, diria mesmo, de que faz parte integrante ou constituinte. Henrique Barroso, *D(N)este livro*

Antes de sair da geografia que lhe deu nascimento ou, se se quiser (invertendo a orientação do foco), de iniciar a aventura por outras paragens, o português, como todas as línguas (neste ponto, não se distingue absolutamente de nenhuma outra), tinha, por natureza, as próprias *porta, janela e varanda*, ou seja: a primeira para poder aceder ao mundo, a segunda para o poder ver/conhecer/perceber e, por fim, a terceira para o poder contemplar/apreciar (esteticamente). Isto, por si, é absolutamente singular – de um valor incomensurável, portanto. Porém, multipliquemo-lo, no mínimo e também naturalmente, por oito (todos os espaços onde é língua materna, língua segunda e/ou língua nacional), e aí são oito vezes mais portas, oito vezes mais janelas e oito vezes mais varandas.

Dito isto, e antes de avançar, não devemos esquecer (pelo contrário: ter bem presente) os outros espaços onde é língua de herança e/ou língua de afetos e, ainda (é evidente), aqueles outros onde é ensinada/aprendida como língua estrangeira. Por conseguinte – é o corolário –, estamos na presença de uma língua pluricontinental, pluricultural e, consequentemente, pluricêntrica. Henrique Barroso, *Introdução* (Parte I)

ISBN 978-989-755-348-6



FUNDAÇÃO
ORIENTE

